



PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ESPECIALISTAS DA ÁREA DA SURDOCEGUEIRA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Shirley Alves Godoy

Celia Regina Vitaliano

Rozi Terra Fabri

Resumo:

Este estudo foi desenvolvido por meio de entrevista com 5 professoras especialistas atuantes em Centros de Atendimento Especializado na área da Surdocegueira e teve como objetivos: identificar os conhecimentos que consideravam necessários à formação do professor especialista e dos professores do ensino regular para atuar junto a alunos surdocegos, bem como às dificuldades encontradas no processo de inclusão dos referidos alunos. Os resultados obtidos evidenciaram a necessidade de formação/capacitação inicial e continuada para o professor especialista e professor regente, devido às dúvidas e dificuldades que estes professores vivenciavam, dado o fato do atendimento a estes alunos em classe comum ser recente na região pesquisada. Recomendaram que a formação dos docentes proporcionasse atualização das pesquisas desenvolvidas sobre a Surdocegueira e fossem tratados os temas pertinentes aos conhecimentos sobre as didáticas de cada disciplina, as formas de comunicação com alunos surdocegos e as adaptações de currículo.

Palavras-chave: Surdocegueira. Centro de Atendimento Especializado. Formação de professores.

Introdução

"Sinto que uma vida intensa se desenvolve ao meu redor e anseio participar dela como todos os seres humanos" (Olga Ivanova Skorokhodova 1914-1987),

Este relato partiu da necessidade de investigar a percepção das professoras especialistas que atuam em dois Centros de Atendimento Especializado da área da Surdocegueira (CAESC) da Rede Pública Estadual de Ensino na região norte do estado do Paraná, quanto ao processo de inclusão da pessoa com Surdocegueira, a configuração das práticas pedagógicas e dos saberes adquiridos pelas profissionais como também a compreensão do trabalho desenvolvido objetivando sugerir e/ou aprimorar estudos na formação continuada de docentes.

A definição da Surdocegueira é bastante discutida pelos profissionais da educação, como também pelos órgãos que definem as políticas de atendimento. Dentre as definições aceitas pelos especialistas encontra-se que:

É uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus, levando a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender e interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhes o acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho (GRUPO BRASIL, 2003).

Em 2006 após participação em um curso de capacitação ofertado pela Secretaria de Estado da Educação/SEED através do Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional/DEEIN, foi percebida a necessidade de realizar um levantamento em escolas especiais pertencentes aos municípios jurisdicionados ao Núcleo Regional de Educação, no qual atuava, com o intuito de identificar este alunado. A partir desse trabalho foi implantado um Centro de Atendimento Especializado na área da Surdocegueira em uma cidade de grande porte da região norte do estado do Paraná, visando oferecer apoio especializado a alunos que apresentavam surdocegueira e até aquele momento não recebiam atendimento específico para as suas necessidades, iniciando com dois alunos. O Centro de Atendimento Especializado (CAE), conforme preconiza a legislação do Estado do Paraná, consiste em:

Serviço de natureza pedagógica, desenvolvido por professor habilitado ou especializado em educação especial ofertado a alunos com necessidades educacionais especiais matriculados na educação básica. A finalidade desse serviço será a de oferecer apoio à escolarização formal do aluno e/ou possibilitar o acesso a línguas, linguagens e códigos aplicáveis, bem como a utilização de recursos técnicos, tecnológicos e materiais, equipamentos específicos, com vistas a sua maior inserção social. O atendimento nesse serviço tem início na faixa etária de zero a seis anos e realiza-se em escolas, em salas adequadas, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em turno contrário, caso frequentem a classe comum. (Del. 02/03, PORTARIA N.º 22/00-CEE).

Nestes mesmos moldes foi estruturado o primeiro CAESC do Núcleo Regional de Educação da região pesquisada, sendo posteriormente implantado outro CAESC em outra cidade bem próxima. Atualmente, o Estado do Paraná conta com 8 CAESC. Esta pesquisa foi desenvolvida em 2 CAESC que se localizam na região norte do estado do Paraná. Sendo que estes atendem em sua totalidade 10 alunos, sendo 8 na cidade que denominamos A (de grande porte) e 2 na cidade B (de pequeno porte), contando com cinco (05) professoras especialistas, participantes deste estudo.

Levando-se em conta que a temática: o atendimento educacional de alunos surdos cegos, ainda é recente no âmbito do ensino regular sendo contemplada, apenas em poucos cursos de Pós Graduação e considerando a necessidade de aprofundamento do conhecimento na área, buscamos desenvolver este estudo que tem como objetivo identificar as percepções e as necessidades que as professoras que atuam com alunos surdocegos apresentam, especialmente em relação a formação para atuar com estes alunos, visando disseminar conhecimento já construído, desvelar mitos e construir a partir de experiências

pontuais, referencial teórico com base nos pressupostos da ciência. Considerando este contexto este estudo teve como objetivos: identificar os conhecimentos necessários à formação do profissional especialista para atuar na área da surdocegueira; identificar os conhecimentos que as professoras especialistas consideram necessários à formação dos professores que atuam como regentes em classe comum que tem alunos com surdocegueira e; analisar as percepções das professoras especialistas quanto às dificuldades encontradas no processo de inclusão do aluno surdocego.

Método

O procedimento metodológico empregado constituiu-se de entrevista semiestruturada, tendo em vista a possibilidade das informantes terem a liberdade de discorrerem a respeito de suas experiências profissionais, partindo do foco principal proposto pela pesquisadora, permitindo que emitissem respostas espontâneas e livres, tornando a pesquisa mais rica em informações.

A título de definição, a entrevista seria uma forma de buscar informações, face a face, com um entrevistado. Pode ser entendida como uma conversa orientada para um objetivo, sendo esse objetivo estabelecido pelo pesquisador. Dentre as várias formas de entrevista, remetemos à entrevista semiestruturada, que traz como uma de suas características a elaboração prévia de um roteiro. (MANZINI p.13,2003)

O roteiro elaborado constava de (oito 08) questões que versaram sobre as seguintes temáticas: O papel desempenhado pelo professor de alunos surdocegos; a aprendizagem de profissionais junto aos alunos surdocegos; os aspectos fundamentais a serem considerados na formação do professor regente para promover a inclusão de alunos surdocegos; os aspectos fundamentais a serem considerados na formação do professor especialista; as dificuldades encontradas no dia a dia; os aspectos a serem melhorados na escola e no trabalho para possibilitar a inclusão de alunos surdocegos.

Foram participantes cinco participantes que atenderam ao critério de serem professoras especialistas que atuavam com alunos surdocegos em Centros de Atendimento Especializado na área da Surdocegueira – CAESC. Além disso, uma dessas professoras atuava também como professora instrutora-mediadora de uma aluna surdocega no ensino regular.

Para realização das entrevistas, a pesquisadora estabeleceu contato pessoal com cada uma das professoras entrevistadas e solicitou sua colaboração, a qual consistia em conceder uma entrevista. No momento em que foi solicitada a contribuição para pesquisa foi também realizada as explicações a respeito dos objetivos a serem alcançados, bem como a obtenção da aquiescência para a utilização de um gravador objetivando o registro das informações e a

conservação com maior precisão das falas. Todas as professoras abordadas aceitaram participar do estudo. Na sequência as entrevistas foram previamente agendadas com cada uma das entrevistadas, de acordo com sua disponibilidade.

Ficou estabelecido que após a transcrição integral das entrevistas, cada participante receberia o seu relato através de seu e-mail pessoal para que tivessem a oportunidade de acrescentar novas informações, corrigir ou explicar o que havia falado.

Com o intuito de preservação do anonimato de cada sujeito, considerando a sequência aleatória das entrevistadas foram denominadas como professoras especialistas: PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5.

A pesquisa foi realizada em escolas públicas da rede estadual de ensino regular pertencentes aos municípios jurisdicionados ao Núcleo Regional de Educação de uma cidade de grande porte situada na região Norte do estado do Paraná nos meses de novembro e dezembro de 2010.

Tratamento dos dados

Para analisar os dados obtidos, optou-se por uma abordagem qualitativa, com a apresentação dos dados mais significativos obtidos a partir das questões contidas no roteiro de entrevista.

Resultados

Sobre a opinião das participantes a respeito do papel ou funções que os professores especialistas que atendem alunos surdocegos devem desempenhar, destacam-se as seguintes respostas:

Bom o professor em si primeiramente tem que ter uma postura de comprometimento com o aluno [...], acho que a gente faz o papel de mediar o aluno com o mundo, tanto na escola como na sociedade. O professor do surdocego tem que ter compromisso, ter ética, conhecimento, buscar o conhecimento quando não sabe. (PE1)

A principal função é realmente estabelecer, [...] como um mecanismo ou um sistema de comunicação; seria a base pra iniciarmos aí o trabalho. (PE. 3)

função [professor] é passar pro aluno o mundo enorme que tem em volta dele. [...]. Ter amor pelo trabalho e pelo ser humano que está ali esperando de ti, dependendo de ti, pra realizar seus desejos. Não é porque o aluno não enxerga ou enxerga pouquinho, ouve pouquinho ou não ouve nada que ele não tem desejos e sonhos. A função do professor é fazer com que esse pouquinho que o aluno tenha seja enorme. O professor vai ser a ponte que liga entre o aluno e o mundo. Ele tem a obrigação de mostrar pro aluno o que o mundo tem de bom e ruim para oferecer. (PE.5)

Estes relatos evidenciam que as participantes percebiam que desempenhavam uma função de grande importância para vida do aluno, visto que elas reconheceram que devem “passar pro aluno o mundo enorme que tem a sua volta”(PE5) e “mediar o aluno com o mundo”, incluindo as partes boas e ruins que este apresenta. Também se verifica que as

participantes assumiram que ao desempenhar seus papéis deviam ser éticas, comprometidas e valorizar as potencialidades do aluno.

Considerando a questão: O que você aprendeu a partir da prática junto aos alunos surdocegos?” O relatos obtidos evidenciaram que as participantes perceberam que suas vivências com alunos sudocegos lhes trouxeram aprendizagens pessoais e profissionais.

Se eu tinha paciência eu aprendi a ter mais principalmente na sala de aula. Se eu não suportava o barulho, eu aprendi a não ouvir barulho pra ficar focado no aluno. Então você se volta mesmo para a aprendizagem do aluno, você quer que o aluno cresça em todos os sentidos, não só o conteúdo, mas também como pessoa. (PE1).

Aprendi a ter mais paciência do que já tenho, aprendi a estudar mais, a ler mais, não ficar parada. (PE2).

Na verdade eu sou outra pessoa. Depois que eu me envolvi com a surdocegueira, eu tenho uma nova visão da educação especial e do atendimento especializado. [...] Meu crescimento enquanto conhecimento mesmo e envolvimento é inegável que com a área da surdocegueira foi maior. [...], Não tem quem não se envolva com a Surdocegueira que não se apaixone. [...], É uma coisa muito difícil; talvez pela dificuldade e por nos exigir mais é que a área é tão motivadora, desafiadora. (PE3).

Aprendi a ver melhor o outro [...],Eu diria que o aluno da área da surdocegueira precisa mais de mim. [...], Que eu tenho muito mais a aprender e trocar com ele. Eu vou ensiná-lo e ele vai me ensinar bem mais. (PE4).

Eu aprendi amar ainda mais a minha filha. Eu aprendi ainda mais que o ser humano é uma perfeição de Deus, cada um com sua particularidade, eles são perfeitos apesar da limitação. [...] O meu trabalho está me fazendo ver quem eu posso ser. [...] Não sei o que Deus tenha planejado pra minha vida, mas a principio o meu desejo é nunca mais voltar dar aula pro regular, porque trabalhar com estes alunos é aprender todo dia. Todo dia tu aprendes um pouquinho, tu achas que tu ensinas, mas não, todo dia tu aprendes um pouquinho [...]. “Pra ele aprender, que soletrar beijo no ouvido dele e dizer:” “beijo J.” “beijo J.” e ele levar a mão na boca e saber que aquilo é beijo, ou então botar a mão no meu rosto, procurar o meu rosto assim. É ver que ele está aprendendo, mais ainda eu aprendi com ele. É sentir que eu posso fazer o melhor pro próximo independente de quem seja [...], Como profissional eu aprendi que o aluno só realmente aprende quando eu ensino, se ele aprendeu eu ensinei se ele não aprendeu eu não ensinei, então eu vou usar outros meios e estratégias pra que ele aprenda. (PE5).

Quando as entrevistadas falaram a respeito da aprendizagem que a área da Surdocegueira havia lhes proporcionado, apresentaram relatos carregados de emoção, em específico “PE5” que chegou a chorar ao falar da filha adolescente e da aprendizagem do aluno J. de 2 anos, com surdocegueira severa. Destaca-se também nos relatos a busca de conhecimentos e procedimentos que realmente possibilitem o aluno aprender os conteúdos propostos, como bem disse PE3 “talvez pela dificuldade e por nos exigir mais é que a área é tão motivadora, desafiadora”.

Quanto aos aspectos fundamentais na formação do professor regente para atuar com os alunos surdocegos, as entrevistadas relataram.

O professor tem que ter uma noção básica do que é um aluno surdocego. Eu vou contar o que acontece quando o professor se depara com o aluno surdocego: ele muda de sala e não avisa o colega que ele deixou aquela sala porque tinha um aluno surdocego. Aí o professor substituto chega percebe o aluno e fala: “Ah ele é cego!” e daqui a pouco, “mas é surdo também!” [risos]. Então você vê que o professor entrou e caiu de paraquedas. Ele tem que ser capacitado. No primeiro momento que

a escola já está sabendo que vai ter um aluno surdocego, deve no início do ano, já fazer uma capacitação com aqueles professores independentes se são eles que vão atuar com o aluno ou não. Se possível capacitar todos os professores daquela escola pra mostrar ou falar um pouquinho sobre a Surdocegueira. Percebe-se que eles entram em sala com medo, aí com o decorrer do tempo a gente vai tranquilizando o professor e ele vai conseguindo trabalhar com o aluno. (PE1).

Primeiramente conhecer o aluno, saber suas dificuldades e conhecer o que é surdocegueira e estudar. [...], Buscar ajuda, ter interesse de aprender também, procurar as pessoas especializadas, se buscarem a ajuda a aceitação será melhor. (PE2).

A primeira coisa são eles compreenderem o que é a surdocegueira, que implicações isso acarreta. Em sala de aula é visível já perceber a cegueira da B. É visível ver realmente que o L. tem uma baixa visão com aqueles óculos super grosso entendeu, mas com o cabelinho mais comprido ninguém percebia o aparelho dele, não é um aluno com uma baixa visão só, ele quase não ouve [risos]. É importante realmente saber que essa associação é uma outra dificuldade, que são muito maiores, que não dá pra tratar só de uma forma, [...] Essa situação do aluno é importante saber, não ser um aluno caixinha de surpresa. Preciso saber realmente como é. [...] “Não, professor, ele não enxerga tanto, é pouquinho.” “Precisa de material ampliado” [...] “Não tem boa visualização”. “Isso aqui não favorece, professor”. É interessante realmente que ele saiba já e junto com a equipe pedagógica para que [essa equipe] possa apoiar, estar ali na retaguarda no que eles precisarem. (PE3).

Olha ele precisa primeiro de tudo conhecer o aluno. [...], O que é um aluno surdocego. Nas primeiras consultas, ou melhor, nos primeiros atendimentos da A. ou do J, eles não sabiam que A. não enxergava, então davam as coisas pra ela e perguntavam e ela não respondia. A terapeuta ocupacional, o pessoal que atendia ela não sabia o que era surdocego. Em primeiro lugar [o professor] tem que conhecer o aluno, conhecer um pouquinho de Surdocegueira. Então ele deve procurar buscar outros aspectos importantes como as características do aluno para poder trabalhar com ele. (PE5).

Observamos nestes relatos que de modo recorrente as participantes citam como fundamental que os professores regentes devem compreender “o que é a surdocegueira, que implicações isso acarreta”, bem como que saibam as adaptações que este aluno necessitam. Estes resultados são semelhantes aos encontrados nas pesquisas desenvolvidas por Vitaliano (2010) que tiveram como foco analisar as necessidades de formação dos professores para promover a inclusão de alunos com NEE.

Também se destaca que as participantes perceberam que o professor regente a princípio não tem obrigação de saber tudo sobre a Surdocegueira, porém como profissional ele tem sim a obrigação de querer aprender, de buscar, de estar aberto para o conhecimento, não enxergar no aluno apenas a deficiência, porque se ele tiver esta atitude, certamente ficará paralisado e não conseguirá lidar com o potencial de seu aluno.

Como vimos as participantes enfatizaram a função dos gestores, pois eles são os primeiros, a saber, sobre a deficiência de um aluno recém matriculado na escola, portanto caberia a esta equipe procurar orientar, informar o professor a respeito do aluno em questão.

Com relação aos aspectos fundamentais a serem considerados na formação do professor especialista para atuar com os alunos surdocegos, as entrevistadas, deram ênfase na formação pessoal e na competência técnica.

Conhecer o Sistema Braille, um pouquinho de Libras este conhecimento também tem que ter. Além do compromisso ele tem que ter a ética principalmente quando atua no ensino regular. [...] O importante é acreditar no potencial do aluno e favorecer para que o professor regente também acredite. [...] Com relação ao Centro de Atendimento Especializado como no meu caso, realizar as adequações necessárias dentro do que os professores precisam e a aluna necessita. Contando com o que a gente tem aqui e se não tiver a gente busca também. [...] É realizar o trabalho de Atividade de Vida Autônoma e Social (AVAS). [...] Na medida do possível realizar o serviço itinerante com a família, auxiliando-os. [...] Desenvolver aquele papel de escutar a família [...] Você tem que ter paciência, porque se não tiver paciência, você não consegue. (PE1)

Acompanhar o aluno e ajudá-lo nas atividades no decorrer da aula. Ser a ponte entre o aluno e o professor regente. Ajudar o professor regente nas dificuldades que tenha com o aluno, intermediando este processo. (PE2).

Eu acredito que a pessoa precisa ter o conhecimento sobre a surdocegueira. [...] sobre o aluno que ele vai trabalhar ter clareza das dificuldades dele, ter envolvimento com essa família. [...] A língua de sinais eu acho que é importante ter o conhecimento, se eu vou ter um aluno cego o Sistema Braille, o soroban, orientação e mobilidade. Um sistema de comunicação que não efetivamente seja Libras [...] Um sistema de comunicação que eu vou estabelecer com aquele aluno, posteriormente eu vou me adaptar, vou me aperfeiçoar em sinais em Libras ou uma fala ampliada correta. Não que seja necessário saber todos os outros sistemas de comunicação, mas aquele que já foi estabelecido com o aluno ou aquele que vou estabelecer com ele eu acho que é o mais importante, (PE3).

Ele deve ter orientação e mobilidade, ele deve conhecer Libras, também pra trabalhar a Libras em campo reduzido ou tátil e deve ter o conhecimento dos conteúdos que serão trabalhadas pelo professor (PE.4).

Ele precisa ter amor pra trabalhar com o ser humano, o próximo com surdocegueira que é uma pessoa, um cidadão que tem direitos como qualquer outro. (PE.5).

Com relação aos aspectos que fundamentam a formação do professor especialista além da competência técnica, no que se refere ao conhecimento da Libras, do braile, do sorobã e de adaptações de materiais para atender as necessidades dos alunos, além de outros sistemas de comunicação que se fizerem necessários.

Outro aspecto que foi destacado por PE1 é a escuta da família, nesse contato geralmente a família conta suas angústias e expectativas, seu relacionamento com este filho, sua carência de atenção e de compreensão, além da descrição de como ocorre a inclusão deste no cotidiano da familiar, qual é o seu papel dentro deste contexto, o que esta família valoriza nele, como ela soluciona as dificuldades de ter um filho surdocego.

No que diz respeito a obtenção (ou busca) de capacitação para sanar as dúvidas ou dificuldades que ocorre no trabalho do dia-a-dia, foram salientadas a troca de experiência associada à fundamentação teórica, envolvendo, ainda a busca de material disponibilizado pela rede na Internet.

Eu busquei auxílio no CAP¹, até eu fiz o mapa do Brasil. [...] Então isto pra mim foi fundamental porque daí eu comecei no meu dia-a-dia a fazer as confecções, adequar o material pra aluna. [...] Em relação à matemática, eu tinha o conhecimento breve dela, depois conforme vão surgindo os cursos, mesmo online a gente vai adquirindo mais confiança. Teve este de grafia Braille que eu achei interessante no Google. (PE1).

Fazendo curso, fazendo pesquisa na internet, lendo o que possa me ajudar. (PE2).

Procurando ler. [...] Buscar com as colegas através de trocas de idéias [...] E na internet. (PE4).

Ah lendo muito, leio muito, muito artigo e assim como eu procuro muitos livros em livraria e não tem; então, a internet pra mim é minha biblioteca. (PE5).

Outra referência citada como fundamentação da capacitação foi o material disponibilizado pela Ahimsa - Associação Educacional para Múltipla Deficiência - cuja missão é “Ser um Centro de Recursos Nacional nas áreas da Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial“, que as docentes têm acesso através da internet.

A maior quantidade de material que eu tenho acesso é realmente o material cedido pela Ahimsa, que é o projeto com a Perkins². Acredito que é um material muito rico, eu não dei conta ainda de ler tudo o que tenho. [...] Ao mesmo que a gente diz que é escassa a bibliografia, que não se discute né, existe realmente por conta deste programa, um material que não dá pra falar que não tem. [...] A nossa formação pelo estado não tem uma frequência. [...] A “oficina ocorrida em Faxinal do Céu” foi um momento para despertar para a área. (PE3).

Essa fala vem corroborar a importância da Ahimsa para os profissionais que atuam na área em âmbito Nacional. Não é possível falar em Surdocegueira sem mencionar a Ahimsa e o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial.

As participantes foram unânimes em relatar que buscam informações através da troca de conhecimento entre as colegas, livros apesar de escassos nesta área, e a utilização da internet como veículo fundamental, tanto para suas pesquisas como para a realização de cursos online principalmente no Sistema Braille, Libras e Orientação e Mobilidade.

Quanto à questão “Você sente dificuldades para atuar como professora especialista de alunos surdocegos? Se sim, quais? Dê exemplos de situações em que sentiu dificuldades?”, as participantes mencionaram principalmente a dificuldade de comunicação professor-aluno.

Ah é quando eu assumi não sabia o Braille, então eu tive que dar conta. [...] Na fala ampliada senti muita dificuldade, porque às vezes o professor inconsciente vai falar lá do outro lado, porque ele quer abranger também a sala inteira e às vezes a gente

¹ CAP/Londrina - Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às pessoas com Deficiência Visual - consiste em um Centro que tem como responsabilidade a confecção do livro didático adaptado para o Sistema Braille, realizar adaptação de materiais em alto relevo e a capacitação docente.

² Perkins School for the Blind - é uma Instituição americana que oferece educação e serviços na área da surdocegueira e deficiência múltipla sensorial ao redor do mundo. O Programa Hilton Perkins-USA é juntamente com o Projeto Horizonte da Ahimsa uma parceria que têm como Missão: Traduzir, distribuir e constituir um acervo de referências bibliográficas nas áreas de surdocegueira e deficiência múltipla sensorial.

não escuta, a gente perde e tem que estar pulando, tem que concentrar bastante na fala dele pra poder passar tudo para a aluna. (PE1).

Um dos maiores desafios pra mim foi meu primeiro contato com o H. de falar assim: “Meu Deus” realmente ele não tem uma nenhuma comunicação com a família. A família está depositando em mim toda esta confiança, e como será iniciar uma comunicação com ele? Foi bem interessante, acho que foi um dos maiores desafios. E hoje acabou? Não; hoje está tranquilo, ele está aprendendo. [...] Como eu vou avançar? Como continuo este processo? É tão desafiador quanto quando comecei me sinto tão responsável quanto no início. Puxa agora ele já sabe, está lendo e escrevendo em Braille, já domina o Sistema. Mas e agora? Eu preciso de mais, é tão desafiador quanto no primeiro dia em que olhei pra ele e falei: “Amigo, [risos] só nós dois agora”, [risos]. (PE3).

O que eu sinto mais dificuldade é fazer o serviço itinerante³, é o apoio pra professora do ensino regular, porque eu ainda tenho muitas dúvidas. Eu estou aprendendo agora, é uma área nova pra mim. Como que eu vou apoiar uma professora se ainda me sinto insegura do que eu estou fazendo. (PE4).

Eu tive muita dificuldade sim, e até hoje não vou dizer que é muito fácil porque é uma incógnita trabalhar com alunos surdocegos. [...] Mas não é assim fácil, tu tens um desafio a cada dia. [...]... A minha dificuldade [...] não com a adaptação do aluno porque isso a gente consegue se adaptar fácil, mas com o ambiente em que o aluno está inserido. Essa é a maior dificuldade, o aluno está inserido naquele mundo, daí ele vem pra mim, e aí você tem que ir lapidando. Essa é a dificuldade, que eu vejo hoje, a falta de higiene, a questão familiar e sociocultural [o aspecto]. (PE.5).

As entrevistadas mencionaram que o estabelecimento de uma comunicação com o aluno surdocego é a primeira dificuldade que encontraram, sendo necessário conhecimento a respeito das principais formas de comunicação, estes relatos reforçam a importância da aprendizagem do braile e de Libras para esses professores.

Como vimos uma das participantes que também atuava como mediadora da aprendizagem do aluno em sala de aula descreveu sua dificuldade de acompanhar as falas do professor regente e passá-las de forma simultânea para o aluno. Este relato evidencia a importância do planejamento prévio de modo conjunto entre a professora regente e a professora especialista, assim minimizaria situações como essa mencionada durante a comunicação da fala ampliada pela PE1 a respeito do conteúdo perdido durante a movimentação do professor regente de classe.

Nos relatos de “PE4” vimos a importância do serviço itinerante, e a dificuldade que sentia ao realizá-lo, pois também tinha dúvidas e lhe faltava conhecimentos de como organizar procedimentos pedagógicos para atender o aluno no contexto da sala de aula comum. Este dado evidencia a necessidade do processo de formação dos professores especialistas prover conhecimentos e experiências referentes a adaptações de conteúdos e materiais didáticos para favorecer a aprendizagem acadêmica de alunos surdocegos.

³ Itinerância: serviço de orientação e supervisão pedagógica desenvolvida por professores especializados que fazem visitas periódicas às escolas para trabalhar com os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais e com seus respectivos professores de classe comum da rede regular de ensino. (Diretrizes Nacionais p/ Ed. Esp. Na Educação Básica, p.50, 2001)

No que diz respeito à percepção acerca das dificuldades enfrentada pelos professores do ensino regular para incluir os alunos surdocegos, as entrevistadas evidenciaram que se trata de um processo lento, principalmente porque falta muita formação e informação para o professor do ensino regular.

Acho que deve enfrentar dificuldade o professor que desconhece a deficiência de seu aluno ele vai ter dificuldade de incluir. (PE.2).

Que eles encontram dificuldades [...] como com qualquer aluno que apresenta alguma deficiência. [...] Lógico que talvez uma dificuldade com menor ênfase se o aluno tiver uma baixa visão, ou aquele que apresenta uma surdez profunda, mas tem o intérprete em sala de aula para acompanhá-lo. [...] Agora com o aluno que apresenta a surdocegueira com a perda da audição e da visão concomitantemente eu acredito que ninguém se sentiu tão confortável em receber um. (PE.3).

Os professores do ensino regular têm muita dificuldade. [...] Muitos deles acham que a função de ensinar o aluno surdocego é do professor especialista e não deles. Quando na verdade o que a gente tem que fazer é apoiar. [...] Nós temos que ajudá-los a adequar o conteúdo, só que a responsabilidade de sala de aula é deles. (PE.4).

Olha pra eles era novidade, tanto pra alunos quanto pros professores, eles não tinham noção, e aquilo ali foi fazendo parte da vida deles, e pra eles foi interessante porque eles viram que aquilo ali era importante pra comunidade, pra escola, pra aluno, só que a partir do momento que esse aluno sai do Centro pra ir para sala regular, a conversa muda. [...] Como é que eu vou atender esse aluno, o quê que eu vou ensinar pra ele, então, a gente via essa dificuldade dos professores. [...] Quando teve a Feira Cultural, eu levei pra feira as fotos de A. todos os trabalhos da nossa sala, foi muito interessante. [...] Os professores pediram pra que eu falasse um pouquinho sobre a Surdocegueira e depois começaram surgir perguntas de outras limitações. [...] Eu vi que eles têm interesse em saber um pouco sobre as deficiências. [...] Eu acho que foi uma experiência boa para os professores (PE.5).

As participantes relataram as dificuldades do professor regente de classe em lidar com o aluno com deficiência de foram semelhante, indicando que os professores de sala de aula se sentem “perdidos” sem saber o que fazer. Desta forma do contato destes com professor especialista é fundamental, este profissional irá com sua experiência, seu conhecimento e sua orientação auxiliar o colega na busca pela solução das dificuldades encontradas. Este contato não apenas favorece que o professor regente aprenda a lidar pedagogicamente com o alunos surdocego, mas também o auxilia a minimizar seus receios e preconceitos.

Quanto aos aspectos a serem melhorados na escola para possibilitar a inclusão de alunos surdocegos, bem como o seu trabalho junto as estes alunos, as professoras especialistas destacaram:

A inclusão está aí. [...] Não adianta querer correr do aluno. [...] Tem que ter essa consciência que a escola vai receber este aluno e tem que receber muito bem especialmente por ser escola pública. [...] A escola pública sempre teve a função e a obrigação de atender a todos. [...] Claro que tem o aspecto físico, a estrutura que deve ser melhorada como a quadra lá embaixo que não tem cobertura. [...] Poderia ter pistas em Braille no refeitório e no banheiro. [...] O meu trabalho pra melhorar é necessário ter menos alunos na sala de aula, não só o meu trabalho como o do professor junto a esta aluna porque ela também tem direito de ter contato com os professores. [...] Menos alunos em sala de aula para ter um espaço maior pra aluna se locomover melhor. [...] Realizar a hora atividade que praticamente eu não faço. (PE1)

Eu acho as pessoas que estão no comando dar abertura para melhorar o ambiente. [...] Fazer alguma atividade dos alunos do ensino regular como jogos e fazer alguma atividade para nós. (PE2).

A escola poderia disponibilizar mais verba pra que a gente possa comprar mais materiais didáticos, pra que a gente possa fazer um trabalho melhor. [...] Eu tenho que estudar muito mais porque as dificuldades são bastante [...], eu tenho que aprender o soroban urgentemente. (PE4).

O que precisa melhorar mesmo são dois fatores: a infra-estrutura precisa ser melhorada quanto ao corrimão na escadaria, os obstáculos na parede e a inflexibilidade do gestor. [...] Quanto a mim, preciso aprender mais. [...] Eu não vou dar o melhor de mim se eu ficar acomodada no quadrado em que eu estou. Então eu tenho que sair do meu quadrado e procurar um lugar melhor e o lugar melhor é neste sentido: procurar mais, aprender mais, buscar mais não só lendo, mas na troca de experiência com os outros professores com outros alunos, com gente que tem muito mais conhecimento que eu, eu devo sugar bastante dessas pessoas porque tudo que elas têm de melhor eu vou aprender. (PE5).

Segundo as entrevistadas não adianta a escola ou os professores do ensino regular querer correr do aluno com NEE, pois eles estão cada vez chegando mais, a inclusão está posta legalmente, a escola vai receber estes alunos e tem que receber muito bem principalmente a escola pública, pois ela tem a função, e a obrigação de atender a todos. Para isto é imprescindível melhorar a infra-estrutura física, além disso, aos profissionais cabe buscar conhecimento, trocas de experiências e cursos de capacitação no decorrer do ano letivo, de acordo com as especificidades da área do aluno atendido.

Outro ponto destacado por uma das professoras entrevistadas é o que diz respeito às expectativas pra o futuro de cada aluno. Essas expectativas vão dirigir o trabalho desenvolvido pelo professor. Acreditando no potencial do aluno, superando suas necessidades no presente certamente no futuro haverá um grande leque de possibilidades.

[...] Ah eu gostaria que ela fizesse uma faculdade. [...] Que tenha outras possibilidades na vida, que ela seja ela mesma que não se molde a minha pessoa. [...] Que ela tenha uma profissão. [...] Como surdocega ela já se vê como pessoa no mundo, mas que ela tenha essa consciência de que ela pode chegar lá. [...] Ela pode ter um emprego. [...] que ela tenha a chance na vida, ganhe o seu dinheiro e tenha sua autonomia. (PE.1).

Considerações finais

De um modo geral, contatamos por meio dos relatos das participantes a necessidade de formação/capacitação inicial e continuada tanto do professor especialista quanto do professor do ensino regular. E esta deve ocorrer de modo contínuo ao longo da carreira funcional do profissional.

Pelos relatos identificamos que os conhecimentos que os professores especialistas consideram mais importantes para sua atuação e para atuação dos professores regentes junto

aos alunos surdocegos foram sobre: as didáticas de cada disciplina, as formas de comunicação com este alunado, as adaptações de currículo a ser realizadas para melhor compreensão e apropriação do conhecimento pelo aluno.

Como vimos para ocorrer a inclusão de alunos surdocegos a figura do professor especialista é de suma importância, ele detém o conhecimento, porém não o conhecimento absoluto, mas é ele quem sabe onde iniciar a busca, ele possui experiência, por isso cabe a ele apresentar o mundo aos referidos alunos, assim como apresentar ao “mundo”, aos professores da classe comum e até mesmo aos familiares este aluno.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.in.gov.br/imprensa/constituicao/Con1988.br>. Acesso em 05/01/11.

_____. *Lei nº 9394*, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.diaadia.pr.gov.br/deein/arquivos/File/lf_Lei9394.pdf acesso em 07/01/11.

_____, Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica*/ Secretaria de Educação Especial - SEESP/MEC – Brasília. 2001.

_____. *Política Nacional na Perspectiva da Educação Inclusiva* SEESP/MEC – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

BEYER, Hugo Otto *Inclusão e Avaliação na Escola: de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel, COSTA, Maria da Piedade Resende. *Descobrimo a Surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

COSTA, Maria da Piedade Resende da, *Múltipla Deficiência: Pesquisa & Intervenção*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

_____. *Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DECLARAÇÃO mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia, 1990. disponível em: http://www.diaadia.pr.gov.br/deein/arquivos/File/inter_Jomtien.PDF acesso em 07/01/11.

DECLARAÇÃO de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais Salamanca, 1994. Disponível em: http://www.diaadia.pr.gov.br/deein/arquivos/File/inter_salamanca.pdf acesso em 07/01/11.

GLAT, R. & NOGUEIRA, M. L. de L. *Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil*. In: Revista Integração. vol. 24, ano 14; Brasília: MEC/SEESP, p.22-27.2002.

GONSALVES, Elisa Pereira *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica Campinas*: Editora Alínea, 2005.

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas. Autores Associados, 2006.

JESUS, Denise Meyrelles de... et all. *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MAIA, Shirley Rodrigues ...et all. *Sugestões de estratégias de ensino para favorecer a aprendizagem de pessoas com Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: um guia para instrutores mediadores*. São Paulo: Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e o Múltiplo Deficiente Sensorial/Canadian International Development Agency-CiDA, 2008.

_____ et all. *Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: sugestões de recursos acessíveis e estratégias de ensino*. São Paulo: Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, 2010.

MARQUEZINE, Maria Cristina, ALMEIDA, Maria Amélia, OMOTE Sadao *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: EDUEL, 2003.

MANZINI, Eduardo José, *Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada*. In *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: EDUEL, 2003.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de, *A entrevista em educação especial: questões metodológicas*. In *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: EDUEL, 2003.

PARANÁ. *Conselho Estadual de Educação. Deliberação nº02, de 02 de junho de 2003 (Fixa Normas para a Educação Especial, modalidade Educação Básica, para alunos com necessidades especiais no Sistema de Ensino do Estado do Paraná)*.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. *Educação especial e inclusão educacional oito anos de gestão, 2003/2010* / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da

Educação. Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. – Curitiba : SEED – PR., 2010. –

TANAKA, Eliza Dieko Oshiro ... et all *As Necessidades Educacionais Especiais: altas habilidades, transtornos globais do desenvolvimento e deficiências*. Londrina: ABPEE, 2009.

VITALIANO, Célia Regina *Formação de professores para a Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais*. Londrina: EDUEL, 2010.